

Muito além dos campos

Arqueologia e história na Amazônia Marajoara



Denise Pahl Schaan
Cristiane Pires Martins
Organizadoras

MUITO ALÉM DOS CAMPOS

Arqueologia e história na Amazônia Marajoara

Denise Pahl Schaan
Cristiane Pires Martins
ORGANIZADORAS

1ª Edição

GKNORONHA

Belém - Pará - 2010

PATRIMÔNIO ARQUEOLÓGICO DO MARAJÓ DOS CAMPOS

Denise Pahl Schaan
Cristiane Pires Martins
Vera Lúcia Mendes Portal

As Sociedades Complexas

A ilha de Marajó se localiza no estuário amazônico, sendo banhada pelo rio Amazonas apenas em sua porção oeste, onde a acumulação de sedimentos do rio originou áreas um pouco mais elevadas nesse arquipélago que é predominantemente plano. Já na porção leste da ilha, dominada por campos que permanecem alagados de fevereiro a junho, desenvolveu-se uma das mais intrigantes culturas da América pré-colombiana.

As pesquisas arqueológicas indicam que a ilha esteve habitada há, pelo menos, 3.500 anos. Durante os primeiros 1.500 anos, o registro arqueoló-

gico indica a existência de pequenas vilas, de, no máximo, 150m², ocupando os diversos ecossistemas: campos baixos e altos, floresta inundada e de terra firme, galerias de floresta ao longo dos rios e zona intermediária entre campo e floresta. Aquelas populações viviam da caça, pesca, coleta e provavelmente da cultura da mandioca. A informação que se possui desses primeiros povos vem principalmente da cerâmica, bastante duradoura e em geral bem acabada, encontrada na forma de vasilhas de paredes grossas e pesadas (devido ao antiplástico de cacos moídos), mas pouco expressiva em termos decorativos¹. A proporção de fragmentos decorados encontrados nos sítios é pequena, o que indica o uso meramente doméstico e o reduzido caráter cerimonial e festivo dessa cultura material.

Durante os 1.500 anos que precederam a emergência de sociedades complexas, os “povos da floresta tropical” (Meggers e Evans 1957) sofreram com o clima implacável da ilha. Recebendo chuvas torrenciais e inundações devastadoras de fevereiro a maio, e assistindo à terra secar sob o tórrido sol do Equador, tornando-se ressequida e estéril, de agosto a dezembro, os povos nativos aprenderam sobre as dinâmicas ecológicas da ilha. Seu maior problema - a água que tudo inunda e depois desaparece - era, também seu mais precioso bem. Um bem e um recurso a ser aproveitado, manejado e controlado. Juntamente com a subida e descida das águas, vinham respectivamente a falta e a abundância da vida aquática. Espalhados pelos campos inundados durante o inverno, os peixes reproduziam-se às centenas de milhares, buscando voltar aos rios com a descida das águas. No entanto, no retorno aos rios, milhares de peixes acabavam ficando presos nas águas rasas das cabeceiras dos igarapés e lagos. Observando essa dinâmica, as populações nativas passaram a manipular conscientemente a ecologia, construindo lagos e barragens. A pesca intensiva nas cabeceiras dos rios e a possibilidade de controlar a oferta de água

1 Meggers e Evans (1957) foram os responsáveis pela caracterização cultural dessas primeiras ocupações, a que denominaram fases Ananatuba, Mangueiras, Formiga e Acauã, através da tipologia da cerâmica. Estas seriam “fases da floresta tropical”, como descritas por Lowie no Handbook of South American Indians (Steward 1948).

acabou por determinar que aqueles seriam os melhores lugares para erguerem moradias permanentes. Em poucas décadas, sistemas de controle hidráulico disseminaram-se pela ilha, reproduzindo técnicas de manejo onde quer que as condições ecológicas fossem favoráveis. Nesses locais, a implantação de lagos e barragens pode ter emergido inicialmente através da cooperação entre famílias (Stanish 2004), mas parece que a partir de certo momento o acesso aos recursos passou a ser controlado por grupos restritos de pessoas que justificavam sua posição dominante por meio de sua relação com antepassados reais e míticos. Sugiram assim os diversos “cacicados” da ilha de Marajó, que ocuparam por cerca de 900 anos as áreas sazonalmente inundáveis dos campos.

Esses cacicados surgiram a partir do século V, quando imensas plataformas de terra, com até 12m de altura e 2 a 3 hectares em área, passaram a ser erguidas imponentemente sobre a paisagem tediosamente plana dos campos, consistentemente localizados nas cabeceiras de rios e junto a lagos extremamente piscosos. Ao lado de cada monte (chamados localmente de tesos) encontra-se uma depressão ou espécie de cratera, de onde foi retirada a terra para construí-lo. Nessas “baixas”, as águas ficam represadas desde o início do período da seca, quando os campos são drenados por um complexo sistema de rios e canais, virtualmente invisíveis durante os cinco meses de inundação. A fauna aquática retida em lagos e nas “baixas” ao lado dos tesos não é desprezível. Ainda hoje a pesca nesses locais é extremamente rentável, concorrendo com a pecuária que domina a região.

Os tesos marajoaras são sempre encontrados em agrupamentos, onde um, dois ou três tesos eram destinados à moradia da elite e ao culto aos antepassados, enquanto que em um número maior deles há evidência somente de moradia das pessoas comuns (onde se encontra cerâmica doméstica e ausência de cerâmica cerimonial (Meggers e Evans 1957, Roosevelt 1991, Schaan 2007). Esses agrupamentos mostram diferenças entre si em sua distribuição em relação ao acesso aos recursos naturais (lagos e igarapés) e também quanto à forma, decoração e iconografia dos artefatos.

A construção dos tesos parece ter surgido como um efeito secundá-

rio do manejo hidráulico que passa a ser experimentado nas cabeceiras de rios a partir do início da era Cristã. A necessidade de contar com uma moradia elevada junto aos reservatórios de peixes veio a calhar também como uma maneira de exercer controle sobre áreas de recursos naturais extremamente abundantes. Percebe-se que em diversas sociedades complexas, a construção de tesos e estruturas megalíticas junto a áreas de recursos naturais desejados é entendida como uma maneira de reclamar direitos sobre estes recursos. Propõe-se, portanto, que a localização dos tesos cerimoniais junto aos reservatórios de peixes indica a existência, no passado, de restrições sociais ao acesso a esses recursos, o que sugere estratificação social. A habilidade da elite de mobilizar excedente é também visível por meio da remoção de volumes consideráveis de terra para construir os locais para residência e espaço cerimonial - o que evidencia o controle exercido sobre a mão-de-obra. Entendemos, entretanto, que esse controle se dava principalmente no plano simbólico, por meio da veneração de ancestrais míticos que teriam o poder de garantir fertilidade e abundância (Schaan 2007). A imprevisibilidade da extensão dos invernos e dos verões, a dependência da fauna aquática, e os conflitos que provavelmente surgiram em torno do acesso à tão abundante, mas circunscrito recurso², demandaram uma maior dependência da boa vontade dos espíritos protetores, e uma dependência do diálogo com o sobrenatural, mediado por chefes e pajés. Na cerâmica - em sua forma, usos e iconografia - percebe-se o enorme dispêndio de tempo dedicado à performance ritual e à produção dos objetos e cenários que a compunham. Apesar de a cerâmica não ser certamente o único suporte material sobre o qual a vida simbólica se expressava, nossa análise é limitada a ela, por sua durabilidade na floresta tropical.

Em Marajó, a coincidência entre espaço cerimonial, sepultamentos de indivíduos da elite e evidências para festas (abundantes fragmentos de ce-

2 Para Carneiro (2007), os conflitos por terra em áreas circunscritas teriam sido fundamentais para a emergência de lideranças de guerra e a conseqüente transformação sociopolítica das sociedades amazônicas.

râmica cerimonial e vasilhas domésticas utilizadas possivelmente para a produção de bebidas fermentadas) (Schaan 2004, 2006) sugere controle sobre a religião e ideologia.

Ao erigirem tesos cada vez maiores e mais altos, os antigos marajoaras buscavam distinguir-se na paisagem, dominando pelos campos até onde sua vista alcançava. Hoje em dia os tesos são ainda imponentes na paisagem, sendo procurados pela população como local de moradia e para refúgio do gado durante a estação chuvosa, quando tudo o mais alaga. Além disso, as urnas funerárias de cerâmica que os tesos contêm e que vez ou outra aparecem nos barrancos, devido à erosão causada pela chuva e pisotear do gado, são desenterradas para servirem como recipiente para guardar farinha ou “aparar” água (Schaan 2007). Curiosamente, os tesos não são tão freqüentemente referidos como locais onde acontecem “visagens”, as assombrações referidas pelos habitantes da Amazônia. Geralmente os locais de visagem são associados com antigas moradias, em terrenos onde ainda se percebem restos de vigas, telhas e objetos dos séculos XIX e XX. A memória dos antigos habitantes dos tesos parece ter se perdido, ainda que o manejo hidráulico, com a construção de barragens em igarapés e lagos, e a fabricação de cerâmica tenha se perpetuado de diversas formas através dos tempos.

Arqueologia em Santa Cruz do Arari

O município de Santa Cruz do Arari foi também foco do inventário realizado em 2008 e 2009. Esse município, ao contrário dos demais estudados nesse projeto, está localizado na região dos campos naturais, na margem oeste do lago Arari. Possui uma área de mais de mil quilômetros quadrados, estando limitado a norte e oeste pelo município de Chaves, a sul por Ponta de Pedras e a leste pelo município de Cachoeira do Arari. Sua população chega a seis mil habitantes.

A distância de Belém a Santa Cruz é de 179 km, o que parece perto, mas não quando se descobre que se leva cerca de 8 horas para chegar lá. O acesso ao município é feito por via fluvial, partindo-se de Belém até o porto

do Camará (município de Salvaterra), de onde se segue por via terrestre até a cidade de Santa Cruz. Durante a época de chuvas não é possível o acesso por via terrestre e, nesse caso, o acesso a partir de Belém se dá por barcos que atravessam a baía de Marajó e tomam o rio Arari até a sede do município, tornando o percurso em geral mais longo, dependendo das marés.

A cobertura vegetal é típica de savanas alagáveis, ocorrendo pequenas áreas de vegetação arbustiva e semi-arbustiva localizadas ao longo dos principais cursos d'água. A topografia é plana, salientando-se na paisagem “ilhas” de mata (tesos), que são elevações naturais existentes sobre paleocanais, a maioria delas tendo sido aumentadas pela construção artificial a cargo dos indígenas.

Os principais rios do município são o Arari, o Mocoões, o Anajás-Mirim e o Apií. O rio Mocoões (que marca seu limite oeste com o município de Chaves) se interliga com o rio Cururu através do canal do Cururu. Do rio Mocoões parte o canal Mocoões - com extensão de 21 km -, que se liga com o rio Anajás-Mirim, afluente do rio Arari. O rio Anajás-Mirim demarca o limite sul com o município de Ponta de Pedras. O rio Apií, que está à leste, faz limite entre Santa Cruz do Arari e o município de Cachoeira do Arari, desaguando no lago Arari.

Atualmente a principal atividade econômica do município é a pecuária (gado bovino e bubalino).

Sítios já conhecidos

A área dos campos alagados, onde se localiza o município de Santa Cruz do Arari, foi intensamente pesquisada desde o século XIX. Mesmo assim, a maior parte dos sítios encontrados esteve localizada nos municípios de Ponta de Pedras, Chaves e Cachoeira do Arari. Assim sendo, anteriormente à nossa pesquisa, quatro sítios na região estavam registrados: PA-JO-17: Flor do Anajás, PA-JO-18: Coroca, PA-JO-19 e PA-JO-20. Todos esses sítios foram localizados pelo etnólogo Peter Paul Hilbert no início da década de 1950, e a descrição foi publicada na monografia de Meggers e Evans (1957: 179; 203).

Durante a pesquisa, o sítio Flor do Anajás foi visitado com o objetivo de georeferenciar e complementar algumas informações necessárias para sua inclusão no cadastro do IPHAN. Localiza-se a 80m a norte da foz do rio Anajás-Mirim (área conhecida localmente como *Flor do Anajás*), e a oeste do rio Arari, ou seja, na sua margem direita. Encontra-se num barranco onde foi evidenciada grande quantidade de material cerâmico disperso em superfície e no barranco em direção ao rio Arari. Foram coletados alguns destes fragmentos, entre eles um aplique modelado. A área apresenta, aproximadamente, de 3 a 4 metros de altura em relação ao nível do rio (mês de novembro, período de estiagem das chuvas), 30m de largura, e 80m de comprimento. Na parte mais elevada do teso existe uma casa de madeira (já bem antiga segundo os guias), de propriedade de José Roberto Boulhosa, que é dono dessa área que integra a Fazenda Menino Jesus. Ao redor da casa e do teso observamos algumas retiradas de terra recentes.

O sítio PA-JO-18: Coroca (que também foi escavado por Hilbert) foi caracterizado por ele como sítio-habitação da fase Formiga, possuindo 25m por 4-8m de área, e 1m a 1,5m de altura (Meggers e Evans 1957: 226-267). Esse e os sítios PA-JO-19 e PA-JO-20 não foram localizados durante a prospecção, uma vez que as informações de localização descritas pelo pesquisador foram insuficientes para que pudéssemos encontrar os sítios. Os moradores locais também não os conhecem.

Resultados do Levantamento

Realizamos a prospecção oportunística por via terrestre³ (uma vez que neste período do ano os rios estão secos ou com os níveis de água bastante reduzidos), em áreas indicadas pelos moradores locais e guias, e em outras utilizando indicadores da paisagem. Desta forma, realizamos a pesquisa em

3 Os guias informaram que as estradas de terra são abertas a cada ano pelos fazendeiros do município durante o período do verão para facilitar a circulação, transporte e escoamento de produtos. De forma que essas estradas, geralmente, recebem o nome das fazendas, retiros ou localidades. O mesmo acontece com os igarapés formados no período das cheias.

fazendas e retiros às margens do Lago Arari, dos rios Arari e Anajás-Mirim, e alguns igarapés tributários destes.

No geral, os sítios localizados em sedes de fazendas apresentaram-se bastante alterados e com material cerâmico fragmentado exposto em superfície. Já naqueles sítios localizados em áreas preservadas de mata e cobertos por folhagens, foi comum observarmos a perturbação por movimentação de gado.

Em alguns sítios alterados por construções de estruturas de fazendas não foi possível estimarmos suas dimensões de largura e comprimento, uma vez que essas áreas apresentam solo revirado e as extremidades das áreas elevadas geralmente ocupadas por estruturas de currais. O mesmo ocorreu em áreas com grandes extensões de terra firme e mata. Neste último caso, registramos em caderneta de campo a porção do sítio em que identificamos material arqueológico.

Apesar de a pesquisa estar restrita ao município de Santa Cruz do Arari, realizamos ainda pesquisa em algumas áreas dos municípios vizinhos, como em Chaves e Cachoeira do Arari, devido à proximidade. No município de Chaves, localizamos os sítios Chaves I e II, durante a pesquisa realizada em um trecho do rio Mocoões na sua margem direita (estando em frente aos sítios Santo Elias I e II de Santa Cruz do Arari, na margem esquerda do rio Mocoões), e os sítios Apií, Santa Luzia e Santa Helena, ao norte do Lago Arari, em terras que são também do município de Chaves. No município de Cachoeira do Arari localizamos o sítio Zebulândia e a ocorrência Diamantina, quando fomos visitar o sítio PA-JO-01: Pacoval.

Os proprietários das Fazendas Apií, Santa Luzia e Santa Helena informaram que suas áreas se localizam no município de Santa Cruz do Arari, porém de acordo com o mapa de localização dos sítios arqueológicos produzido no âmbito do inventário as áreas se encontram no município de Chaves.

Além dos sítios e ocorrências arqueológicas localizadas foram registradas duas coleções particulares constituídas de artefatos cerâmicos, tais como vasilhames cerâmicos inteiros com decorações plástica e pintada.

A pesquisa decorrente do inventário em Santa Cruz do Arari apresentou como resultado a localização e registro de 24 sítios e 8 ocorrências arqueológicas, além de 10 áreas com potencial arqueológico, com vestígios caracterizados por material pré-colonial (fragmentos cerâmicos). Esses sítios encontram-se descritos ao final desse volume.

Coleção de Isabel Machado

Consta de um vasilhame cerâmico sob a guarda de Isabel Machado, proprietária da fazenda Glória. A peça teria sido coletada por seu pai no município de Anajás.

Coleção de Helena Castro

Consta de sete vasilhames cerâmicos inteiros com decorações incisa e engobo branco, sob a guarda de Helena Lobato Castro, proprietária da fazenda Santa Luzia, no município de Chaves. As peças teriam sido coletadas por seu pai no Teso do Urubu, sítio Camutins, igarapé do Camutins.

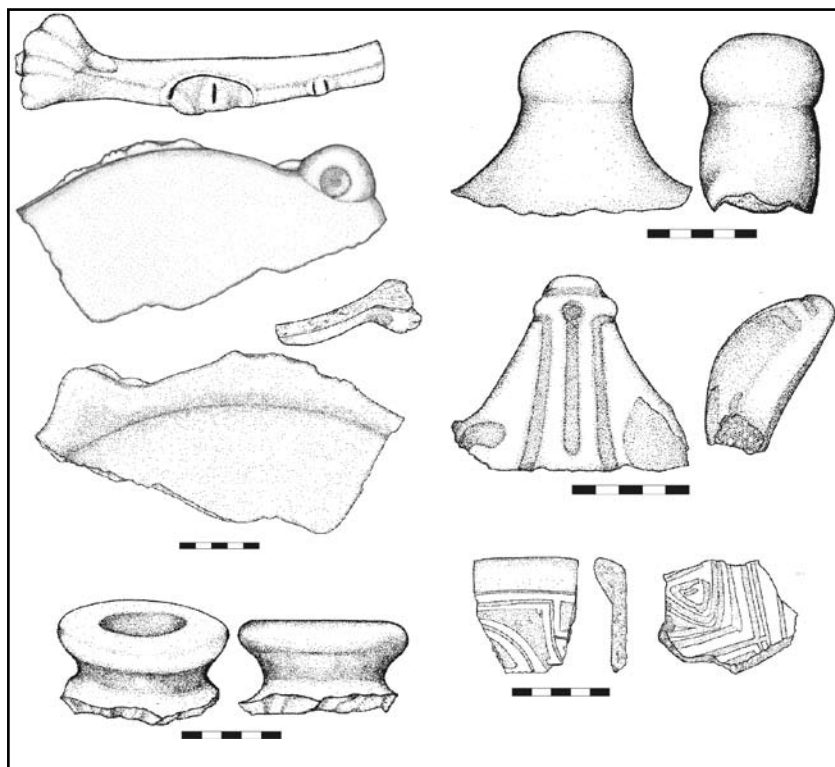
O material arqueológico de Santa Cruz e municípios vizinhos

O material arqueológico identificado em Santa Cruz do Arari assim como em sítios próximos nos municípios de Chaves e Cachoeira do Arari é material característico da fase Marajoara, apresentando decoração pintada, excisa e incisa, com engobo, uso abundante de apliques e representações de figuras antropomorfas e zoomorfas. Nos casos em que o material estava fora de contexto e com perigo de se perder, foi coletado. Ao todo, nessa região, foram coletados 100 fragmentos de cerâmica, sendo 15 de sítios localizados no município de Chaves, 15 de Cachoeira do Arari e o restante (70) de Santa Cruz do Arari.

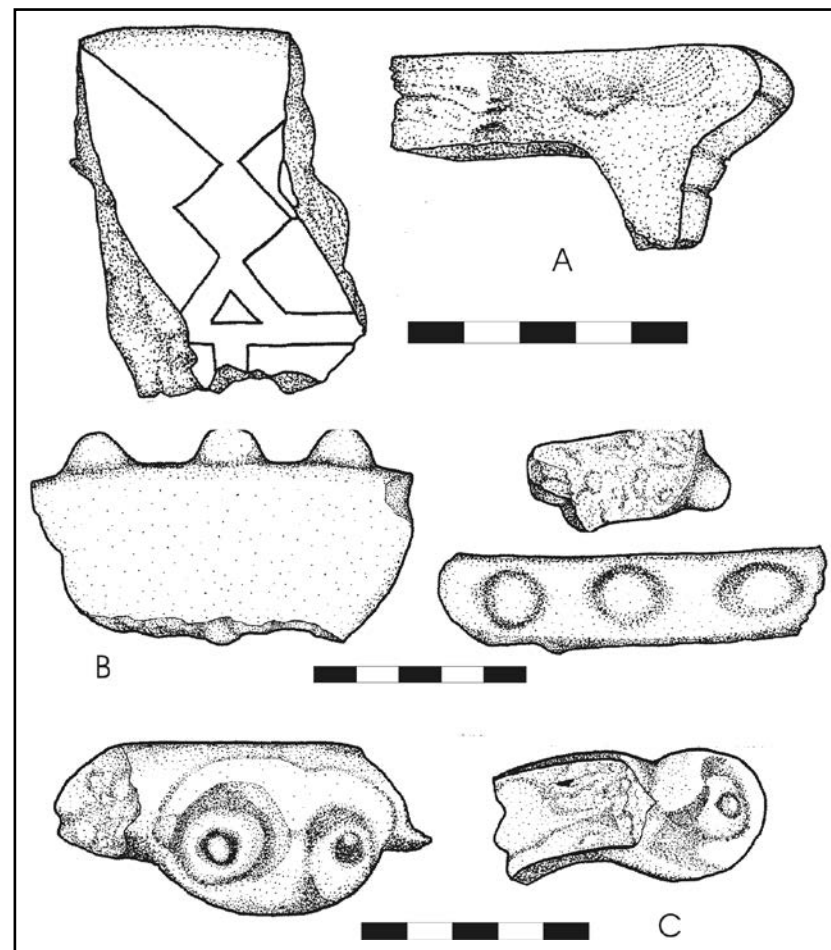
O material foi higienizado, catalogado, analisado e está sob a guarda do Núcleo de Pesquisa e Ensino em Arqueologia da Universidade Federal do Pará.

Prancha 1 – Fragmentos coletados em Santa Cruz do Arari

Ilustração: Deise Lobo



Prancha 2 – Fragmentos coletados em Chaves (A e B) e Cachoeira do Arari (C) Ilustração: Deise Lobo.

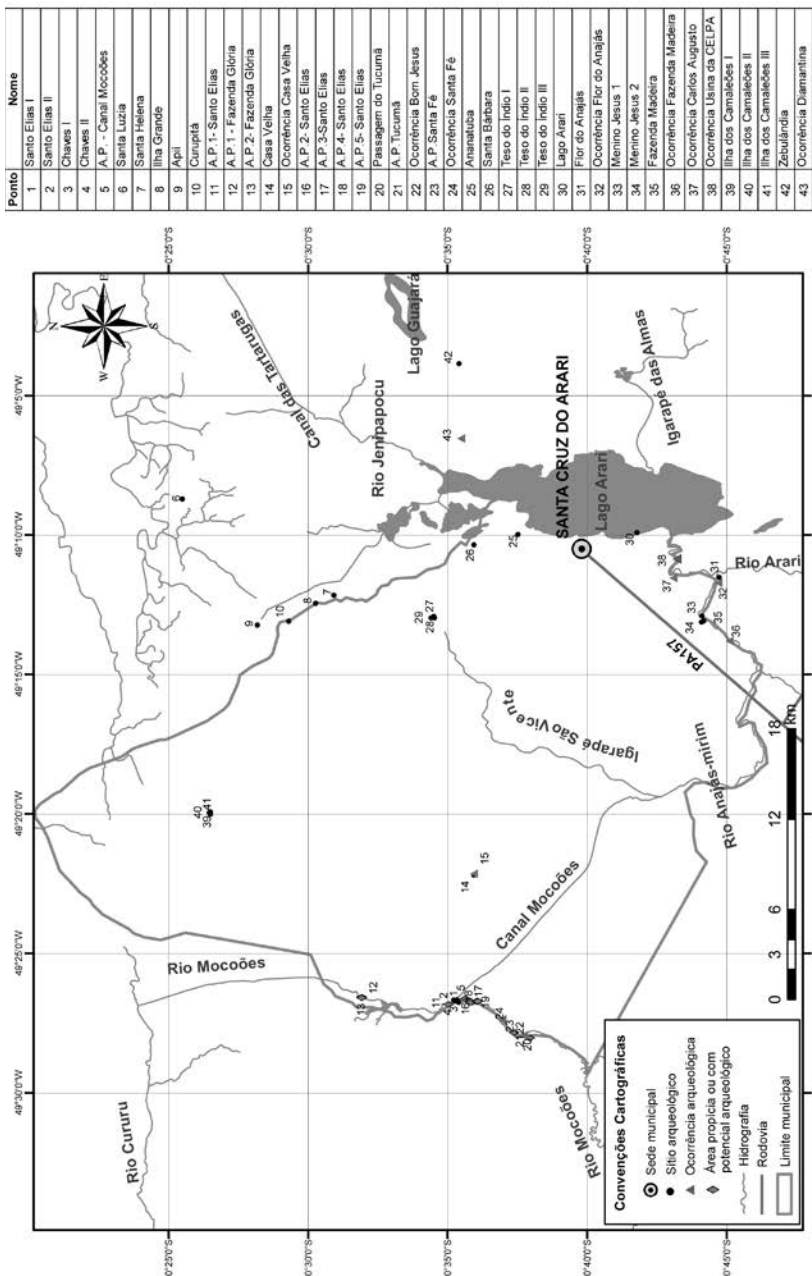


Quadro I - Material Arqueológico Coletado em Santa Cruz (SC), Chaves (CH) e Cachoeira do Arari (CA)

NR- 1	NR- 2	Sítio	Material	Quant.	Descrição
SC- 1	1	Casa Velha	Cerâmica	2	Fragmentos
SC-2	1	Flor do Anajás	Cerâmica	15	Quatro micro-fragmentos, 1 fragmento de alça, 10 fragmentos de corpo
	2	Flor do Anajás	Cerâmica	4	Fragmentos de cerâmica de torno
SC-3	1	Ilha dos Camaleões I	Cerâmica	4	Fragmentos
SC 4	1	Ilha Grande	Cerâmica	1	Base
SC-5	1	Lago Arari	Cerâmica	12	Cerâmica decorada, com marca de aplique, bordas
	2		Cerâmica	1	Um fragmento de urna Joanes Pintado
	3		Cerâmica	1	Um aplique, decoração plástica
	4		Cerâmica	1	Um aplique
	5		Cerâmica	2	Uma base e um fragmento de corpo
	6		Argila	1	Argila queimada
	7		Cerâmica	1	Fragmento de prato com aplique e modelado

SC- 6	1	Pass. do Tucumã	Cerâmica	2	Quatro fragmentos de uma mesma vasilha
SC- 7	1	Santo Elias I	Cerâmica	4	Fragmentos
SC- 8	1	Teso do índio I	Cerâmica	3	Fragmentos
SC- 9	1	Teso do índio II	Cerâmica	4	Fragmentos
SC- 10	1	Teso do Índio III	Cerâmica	4	Fragmentos
SC- 11	1	Oc. Usina da CELPA	Cerâmica	6	Fragmentos e um microfragmento
SC- 12	1	Oc. Fazenda Madeira	Cerâmica	2	Microfragmentos
CH- 1	1	Apii	Cerâmica	1	Borda com apliques
CH- 2	1	Chaves I	Cerâmica	4	Fragmentos
CH-3	1	Chaves II	Cerâmica	1	Fragmentos
CH-4	1	Santa Luzia	Cerâmica	8	Fragmentos
	2			1	Um fragmento de banquinho com incisões
CA-1	1	Ocorrência Diamantina	Cerâmica	2	Fragmentos
CA-2	1	Zebulândia	Cerâmica	10	Fragmentos
	2			1	Aplique zoomorfo (cabeça de tartaruga)
	3			2	Dois fragmentos de banquinho
				Total	100

Sítios, ocorrências e áreas propícias ou com potencial arqueológico localizadas no município de Santa Cruz do Arari, Ilha de Marajó, Pará



DENISE PAHL SCHAAN
CRISTIANE PIRES MARTINS
VERA LÚCIA MENDES PORTAL

Referências Bibliográficas

Carneiro, R. L. A Base Ecológica dos Cacicados Amazônicos. *Revista de Arqueologia* 20:117-154, 2007.

Meggers, B. J., & Evans, C. *Archeological investigations at the mouth of the Amazon*. Vol. Bulletin 167. Washington, D.C., Smithsonian Institution Bureau of American Ethnology U.S. Govt. Print. Off, 1957.

Roosevelt, A. C. *Moundbuilders of the Amazon : geophysical archaeology on Marajo Island, Brazil*. San Diego: Academic Press, 1991.

Schaan, D. P. The Camutins Chiefdom: Rise and Development of Complex Societies on Marajó Island, Brazilian Amazon. Tese de Doutorado, University of Pittsburgh, 2004.

„Manejo ecológico e o desenvolvimento de sociedades complexas na ilha de Marajó, Brasil. In: Morcote, G., Mora, S., & Franky, C. (Org.). *Pueblos y Paisajes Antiguos de la Selva Amazónica*. Bogotá, Washington: Taraxacum, pp. 349-365, 2006.

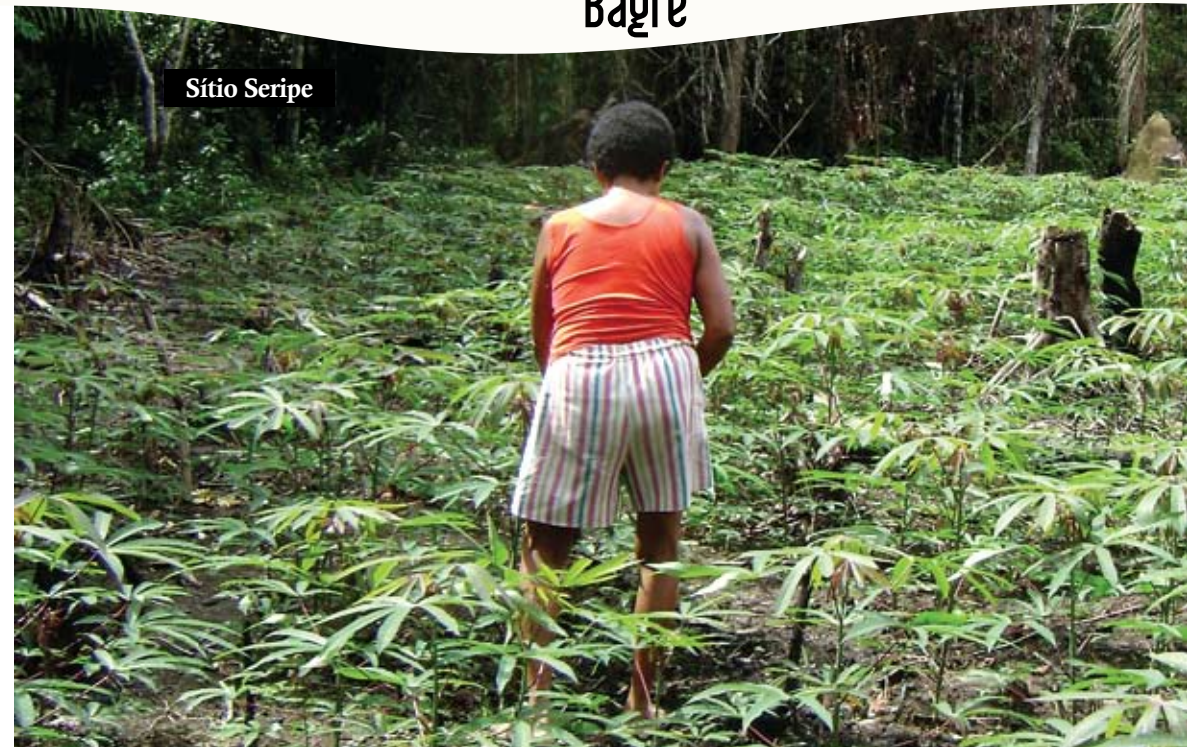
„Os Filhos da Serpente: Rito, Mito e Subsistência nos Cacicados da Ilha de Marajó. *International Journal of South American Archaeology* 1: 50-56 (<http://www.ijsa.syllabapress.com/issues/articles/ijsa00006.pdf>), 2007.

Stanish, C. The evolution of chiefdoms: an economic anthropological model. In: Feinman, G. M. & Nicholas, L. M. (Org.). *Archaeological Perspectives on Political Economies*. Salt Lake City: The University of Utah Press, pp. 7-24, 2004.



Sambaqui Galiléia, moradores

Bagre



Sítio Seripe



Sítio Porto de Oieiras



Sítio Paraíso

Bagre

Bagre



Sambaqui Galiléia



Artefato lítico, sítio Pereira



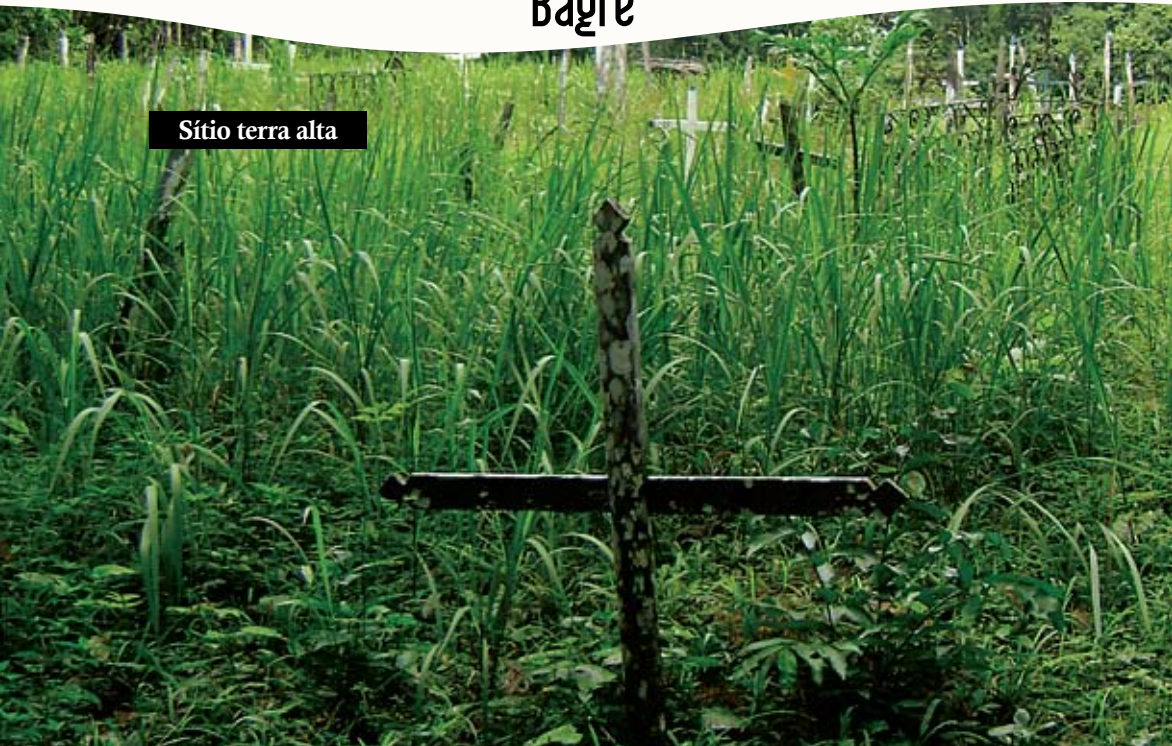
Sítio Urucuzal



Área de terra preta, sítio Flexal

Bagre

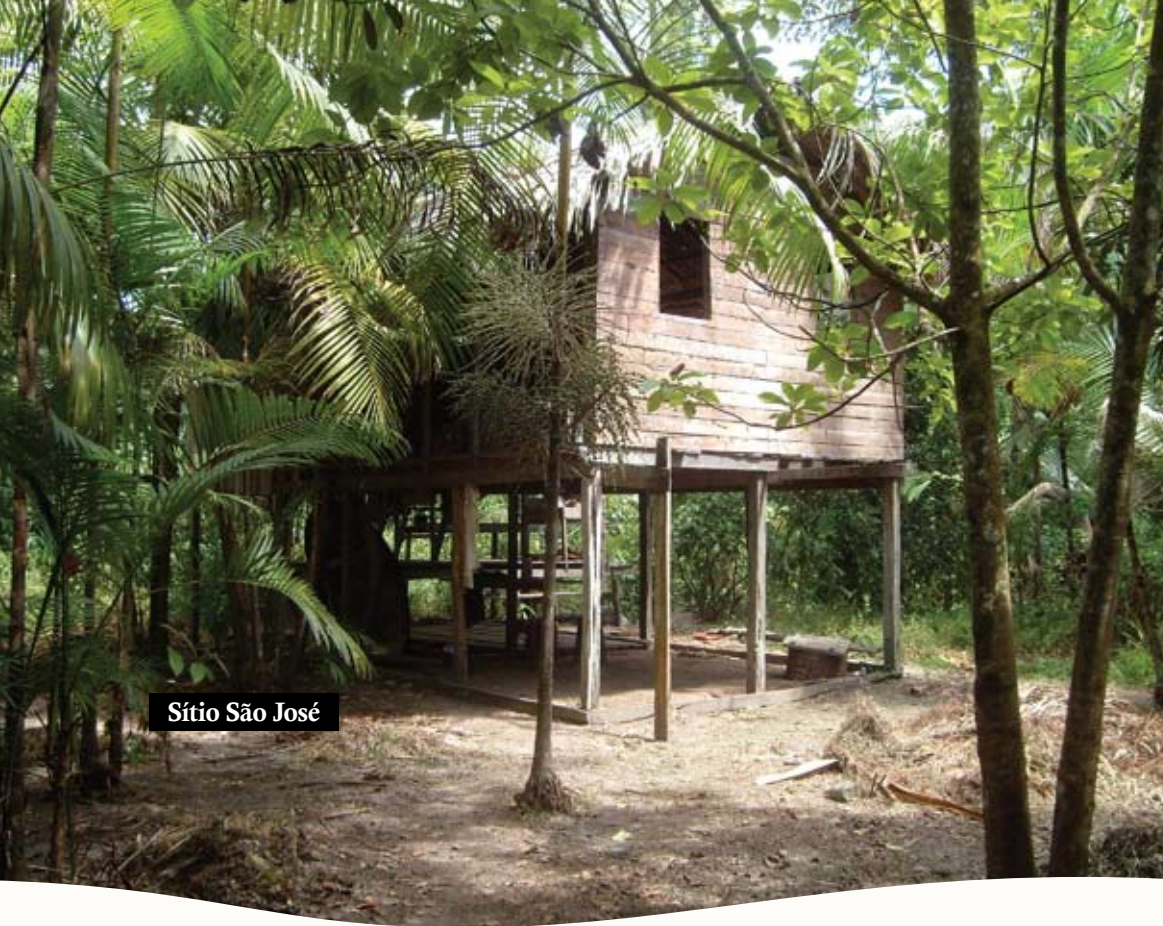
Bagre



Sítio terra alta



Sítio Tatituquara



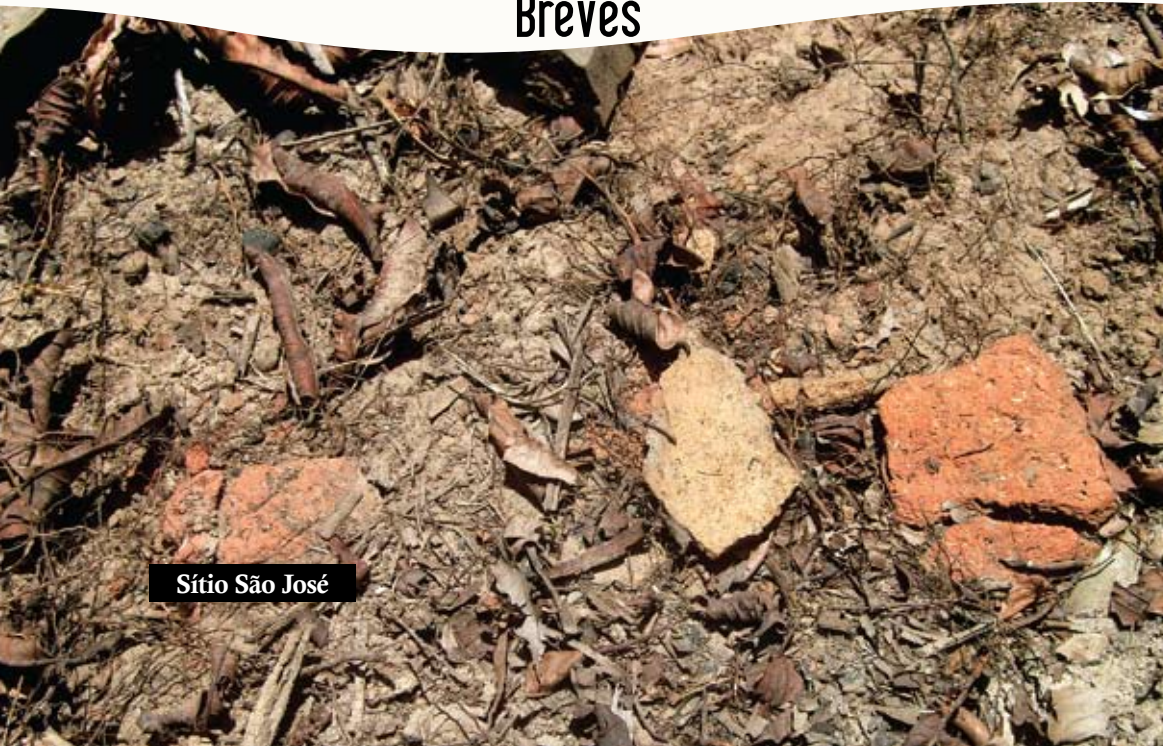
Sítio São José



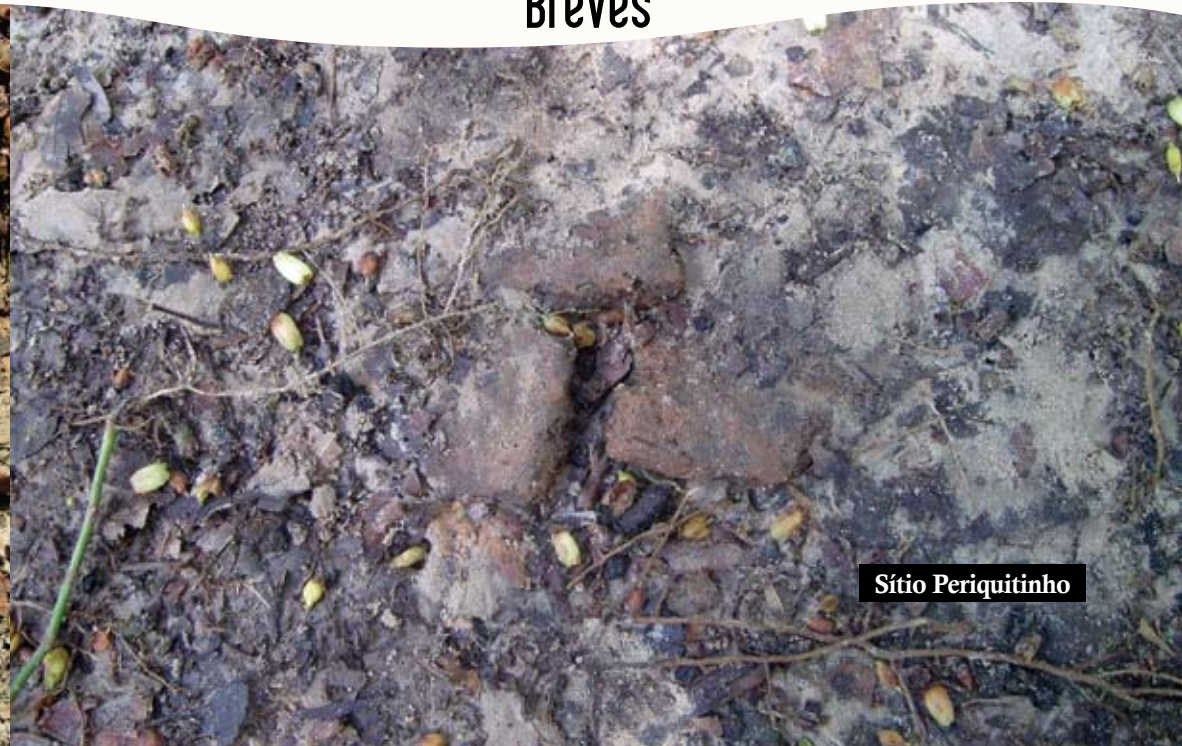
Sítio Badajós

Breves

Breves



Sítio São José



Sítio Periquitinho



Puxador



Antonio Lemos



Posse Nazaré I

Breves



Posse Nazaré II



Santa Luzia

Breves



Santa Luzia

Cemitério no Carrazedo

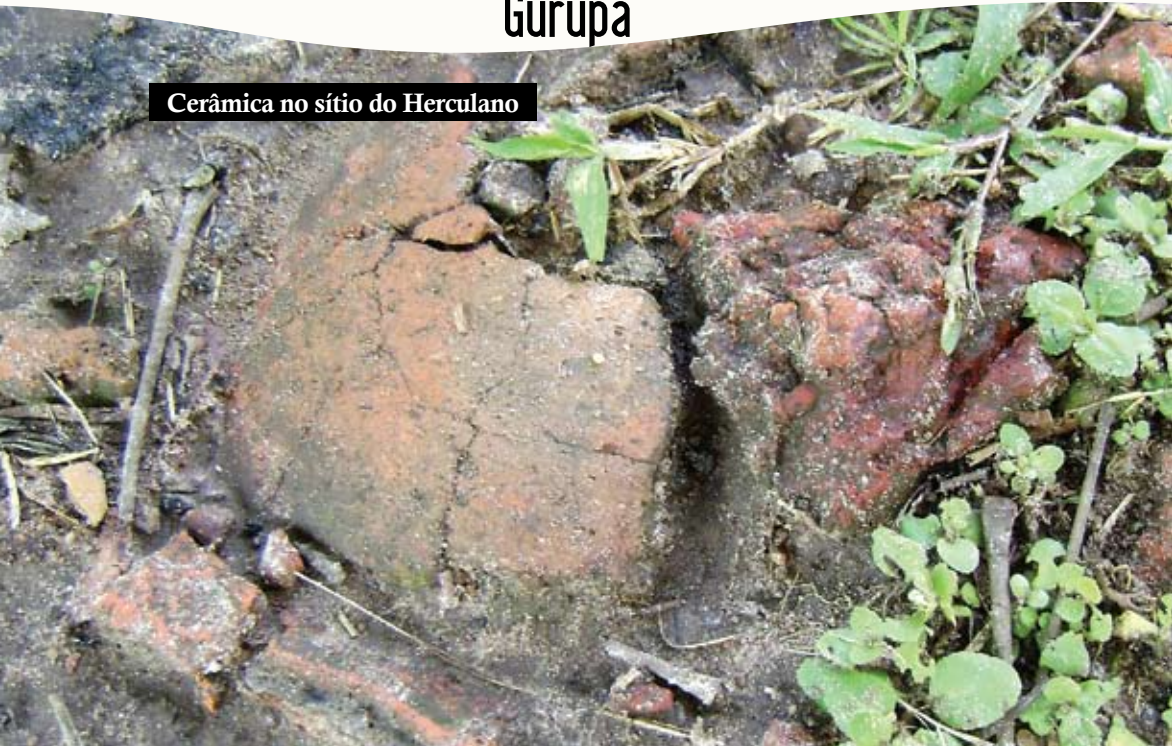


Coleção Arlete Pantoja



Gurupá

Cerâmica no sítio do Herculano



Gurupá

Sítio Camutá do Pucuruí II





Melgaço



Sítio São Miguel Arcanjo

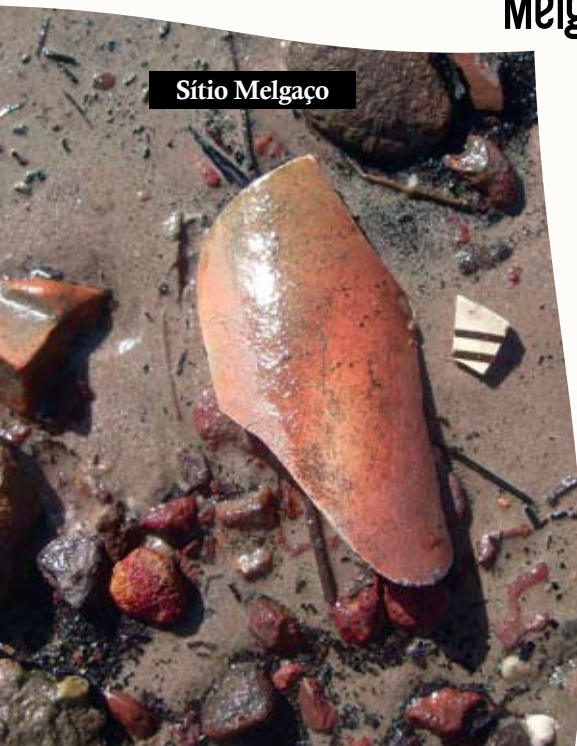


Sítio Santa Luzia

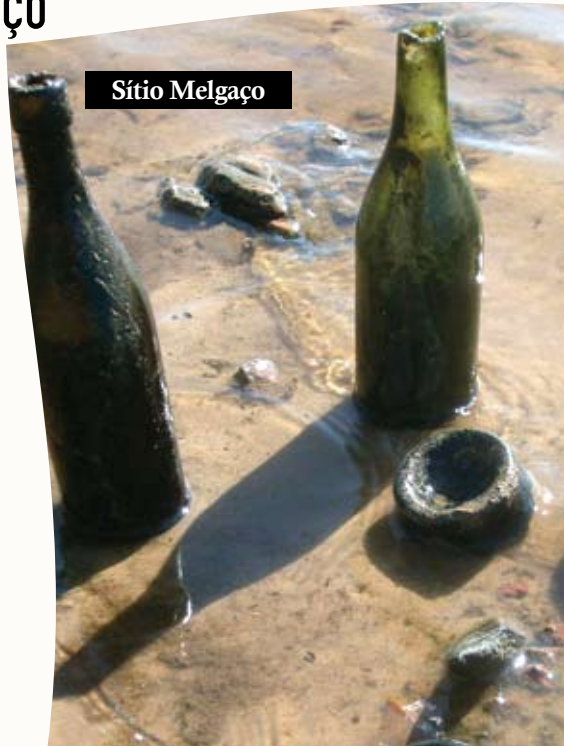


Sítio Nossa Senhora do Perpétuo Socorro

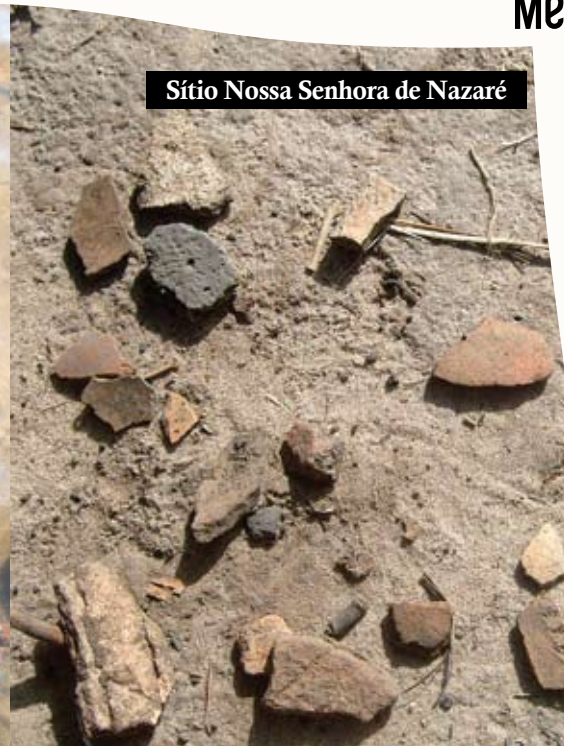
Melgaço



Sítio Melgaço



Sítio Melgaço



Sítio Nossa Senhora de Nazaré

Melgaço



Sítio Melgaço



Cachimbos coletados por moradores locais na praia da cidade de Melgaço

Melgaço

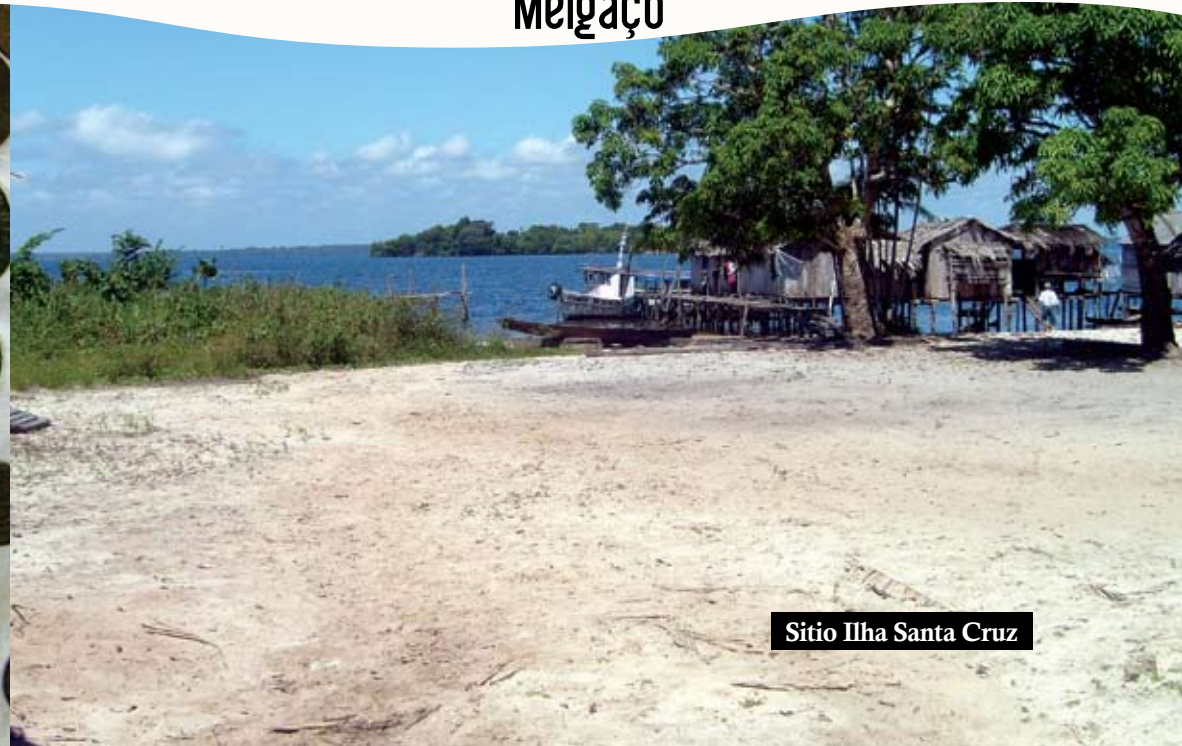


Sítio Melgaço

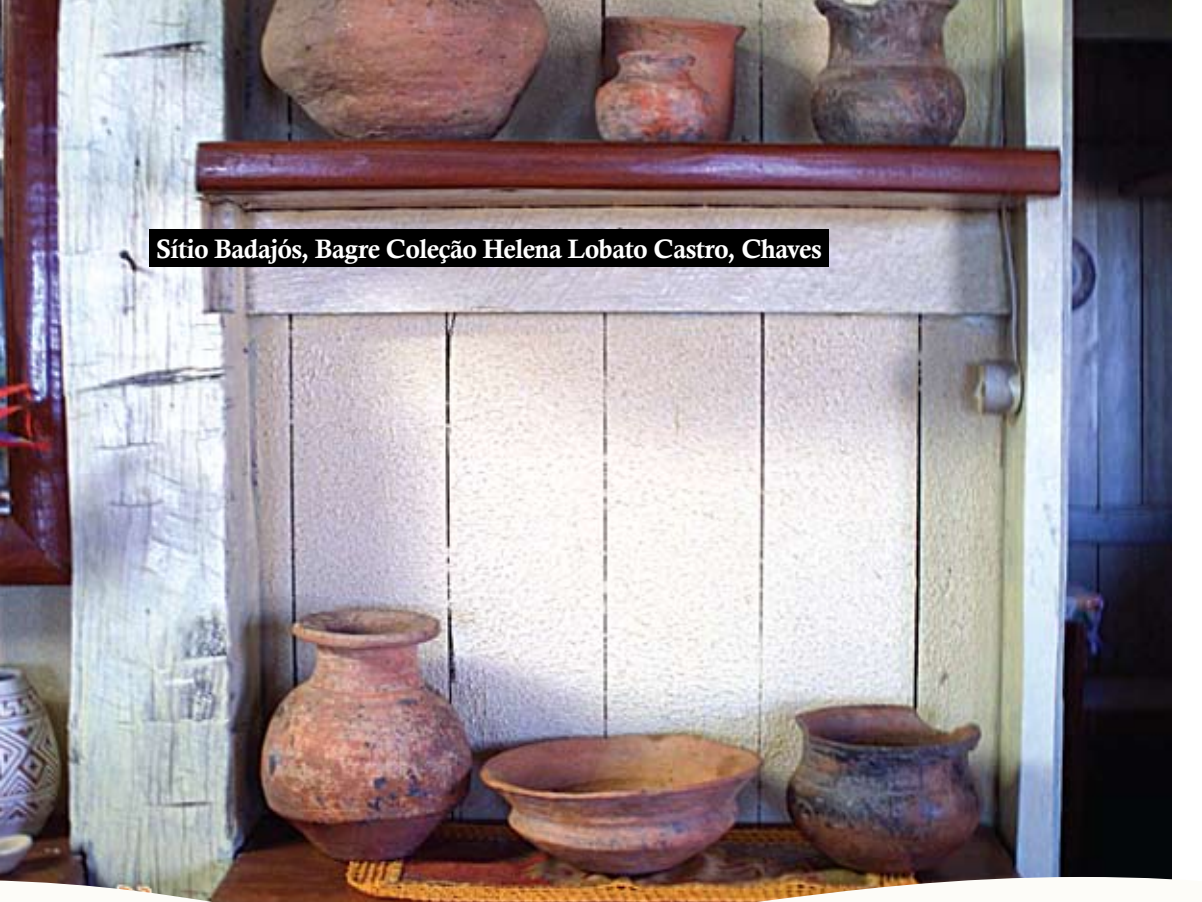
Melgaço



Moedas coletadas na frente da cidade de Melgaço por moradores

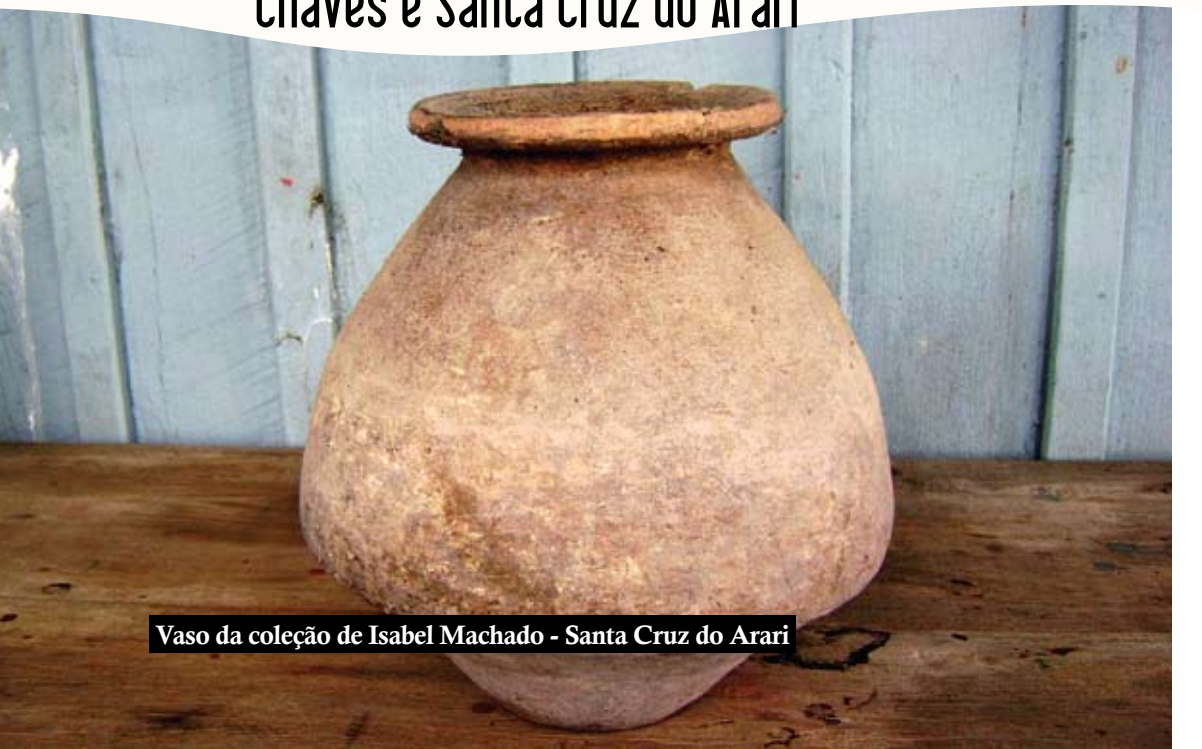


Sítio Ilha Santa Cruz



Sítio Badajós, Bagre Coleção Helena Lobato Castro, Chaves

Chaves e Santa Cruz do Arari



Vaso da coleção de Isabel Machado - Santa Cruz do Arari